

POESIA E ORAÇÃO NA LITERATURA DE KAKÁ WERÁ JECUPÉ

Tarsila de Andrade Ribeiro Lima
Doutoranda em Literatura Brasileira – UERJ
tarsila_lima@yahoo.com.br

RESUMO

A partir dos pensamentos do filósofo Vilém Flusser, este artigo pretende refletir sobre as relações entre língua e realidade na cultura guarani, abordando as camadas da poesia e da oração. Como base para o desenvolvimento de nossas reflexões, estarão as obras do escritor indígena e terapeuta Kaka Werá Jecupé, com ênfase em *Tupã Tenondé* (2001), livro que trata da criação do universo, dos seres e da natureza, trazendo ao campo da literatura brasileira a mitologia indígena através de um novo formato, levando-se em consideração a cosmovisão do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Vilém Flusser, Língua e realidade, Literatura Guarani, Kaka Werá Jecupé.

RESUMEN

A partir de los pensamientos del filósofo Vilém Flusser, este artículo pretende ser una reflexión sobre la relación entre la lengua y la realidad en la cultura guaraní, frente a las capas de poesía y oración. Como base para el desarrollo de nuestras reflexiones, estarán las obras del escritor indígena y terapeuta Kaká Werá Jecupé, con énfasis en *Tupã Tenondé* (2001), libro que se ocupa de la creación del universo, de los seres y de la naturaleza, llevando para el campo de la literatura brasileña la mitología indígena a través de un nuevo formato, llevándose en consideración la cosmovisión del autor.

PALAVRAS CLAVE: Vilém Flusser, Lengua y realidad, Literatura Guarani, Kaka Werá Jecupé.

“A palavra tem espírito”, diz Kaka Werá em seu livro *A terra dos mil povos: história do Brasil contada por um índio* (1998). A frase nos proporciona duas reflexões: a primeira em relação ao sagrado e ao poder conferido à palavra nas sociedades indígenas, em nosso caso no universo guarani, e a segunda acerca da força de materialização que essa palavra possui, sua potencialidade de criar realidades para os povos da floresta. Neste artigo, pretendemos estudar a palavra no contexto guarani a partir dos pensamentos do filósofo Vilém Flusser sobre a relação entre língua e realidade.

Hoje, para além da oralidade, a palavra indígena tem habitado o território escrito, espaço em que as letras servem como ferramenta de conscientização, abrindo horizontes de luta e de esperança para o cotidiano dessas sociedades, ainda vítimas de preconceitos e crimes bárbaros contra sua cultura.

No entanto, verifica-se que essa necessidade de registrar a sua própria história – falando ou escrevendo - ultrapassa o universo literário e se expande para outras linguagens, como a música e o cinema, unindo oralidade e escrita, língua nativa e outras línguas. Como exemplo, temos os diversos cineastas indígenas como Ariel Ortega, Tacumã Kuikuro, Kabaha Waimiri, Vanessa Ayani e Paturi Panará, que trabalham de forma independente ou ligados a projetos como os realizados pelo "Vídeo nas Aldeias", cujo objetivo é fortalecer a luta desses povos através do audiovisual. No âmbito musical, têm surgido ícones como Shaneihu Yawanawá, conhecido pelas canções “Kerê Kerane” e “Kanáro” (esta também já cantada em parceria com João Donato); os Brô Mc’s, grupo guarani que canta as dificuldades e os problemas que assolam os Guarani Kaiowá através do rap; e as crianças guarani que gravaram o álbum “Ñande Reko Arandu” em 2000. São as palavras indígenas se expandindo para o mundo em forma de arte, de poesia (cantada, escrita, traduzida).

No mundo das letras, o crescente movimento de escritores indígenas nos tem mostrado que a literatura é um espaço de luta por sobrevivência, de si ou de uma cultura, tornando-se não apenas uma produção capaz de abarcar a criatividade humana, mas uma ferramenta de conscientização, criadora de realidades, um veículo de ação através das palavras, ou seja, uma maneira de movimentar a matéria e criar algo não apenas no imaginário, mas também no mundo físico a partir da sensibilização das pessoas.

Cabe salientar que, no mundo moderno, a palavra criadora foi relegada ao espaço da arte, visto em geral de forma inferior à realidade: invenção, ficção, imaginação. Diferente do pensamento ocidental, essa mesma palavra, quando fora do âmbito literário, não é vista como superstição para os povos indígenas, mas apenas como uma das faces da realidade. Assim, a palavra não apenas cria realidade literária, mas realidade no plano físico também.

No contexto de obras de escritores indígenas, estão as do escritor e terapeuta Kaka Werá Jecupé. Autor de *A terra dos mil povos* (1998), *Tupã Tenondé* (2001) e *Todas as vezes que dissemos adeus* (2002), Kaka utiliza a literatura para descortinar o véu da ilusão construído pelo colonizador, contando o outro lado da história muitas vezes ocultado pelo poder opressor. Em *Todas as vezes que dissemos adeus*, o escritor expõe o que o motivou a escrever, estando evidente seu intuito de conscientizar as pessoas para a importância da união entre os povos:

Sonhei que os Tmãï deram-me a incumbência de contar um pouco da minha história, da minha vida entre os dois mundos, e de revelar alguns mistérios da tradição milenar ensinada pelos Antigos, os que aqui habitavam desde sempre. Neste sonho firmei o compromisso de traduzir da vermelha “escritura-pintura” de meu corpo para o branco corpo desta “pintura-escritura”. Cumprindo a tarefa nesse relato, para atingir o que até então no mundo tem parecido “intangível”, a mistura do vermelho sobre o branco resultando na cor da vida. E nesse contar eu sou o espírito de cada folha, cada planta, cada brisa pronunciada. Eu sou cada pedra no caminho e cada vento, cada dia de sol e cada dia noite de lua e cada brisa; e cada brilho de cada estrela. Nesse contar eu sou o fluxo límpido da cachoeira e do rio, e de toda água que preenche o grande mar (JECUPÉ, 2002, p. 16).

O fazer literário se transforma em instrumento de materialização da esperança que habita o imaginário, dos sonhos escondidos pelo medo, a fim de construir urgentemente uma realidade que não se limita a ser benéfica aos povos indígenas, mas a todas as vidas no planeta, uma vez que se trata de respeito ao próximo e à natureza.

Para além das sociedades indígenas, é evidente a importância que o ser humano atribui à palavra. “No princípio era o Verbo”, diz no Gênesis. O que nos leva ao ímpeto de olhar com mais profundidade para o pensamento em torno do universo guarani é o fato de que, para esse povo, a palavra não se apresenta apenas como algo capaz de influenciar o campo físico, mas algo associado à alma do homem. Além disso, é importante salientar que não se trata de quaisquer palavras: o povo guarani também é conhecido por suas “belas palavras”, ou seja, aquelas que servem para se dirigirem aos deuses. Elas podem, ao mesmo tempo, ser oração e poesia.

Segundo Pierre Clastres, em *A fala sagrada* (1990), livro que trata da religiosidade guarani, a alma é chamada de “Palavra-habitante”, isto é, aquela que irá habitar um corpo, o que nos leva a crer que, muito mais que nomear objetos, seres ou sentimentos, a palavra é algo essencial na aldeia, sendo também formadora de realidades. A escolha do nome da criança, por exemplo, é de elevada responsabilidade: o sacerdote encarregado de escutar o nome vindo dos deuses não pode errar, pois o nome é a vida e marca o sinal divino sobre o corpo. Ao nome, uma forma da palavra, é dado um poder supremo.

Em *Todas as vezes que dissemos adeus* (JECUPÉ, 2002, p. 28-30), podemos encontrar esta ideia que envolve o nome dos membros da tribo. Em um trecho em que o autor relembra episódio de sua infância, a questão do nome é mencionada, assim como o apelido.

Para sua cultura, o apelido protege a pessoa, sendo sagrado por desviar a atenção do inimigo e por esconder o significado do nome.

No âmbito da cultura guarani, a palavra possui um aspecto estético bastante forte: a linguagem poética é utilizada para falar e escrever. “As belas palavras” são carregadas de lirismo e servem para que os guarani possam se dirigir aos deuses e, por tal motivo, precisam estar próximas desse universo divino.

Os “teólogos da floresta”, como são conhecidos, possuem como base a espiritualidade: é ela que sustenta a vida guarani, somente a partir da tradição religiosa que podem sobreviver e resistir ao mundo dos brancos, como afirma Helene Clastres em *Terra sem mal* (1975), um mundo que já deixou suas marcas através da catequização e da imposição linguística, cultural.

Dessa forma, palavra e espiritualidade são essenciais no cotidiano guarani, e a literatura une oração aos deuses pelo que o não-índio conhece como poesia. Mais uma vez recorreremos à obra de Kaka para ilustrar a afirmação anterior. No fragmento a seguir, notamos a sutileza das palavras do autor, utilizadas para descrever o nascimento de uma pessoa. A escolha vocabular e o tom metafórico recorrente ao longo da obra nos permite ver de forma clara sua proposta de tocar o coração de quem lê sua obra:

É entre o sul e o norte que Mãe Terra expira as almas. Por estes quatro cantos flui a grande vida. Por estes quatro cantos os nomes descem à Terra. Por estes Quatro cantos as palavras encarnam, tornando-se gente.

Apontava-me o Leste, o Norte, o Sul, o Oeste.

- Por esta respiração sagrada o ‘espírito-nomeado’ contempla seu último desdobrar, indobrando-se na terra virando semente, depois é que a pequena mãe terrena concebe o corpo do nome na barriga.

Quando Pai e Mãe abraçam o abraço de criar.

Quando dois viram um. No abraço do ‘fogo-amor’, recomeça a magia do desdobrar da semente: vira música, vira dança, vira voo e passa a caminhar pelo chão da vida terrena. (JECUPÉ, 2002, p. 21).

Percebemos que a frase de Kaka Werá, que utilizamos para iniciar nossas reflexões neste artigo, sintetiza um saber ancestral que acredita no poder da palavra e nos seus desdobramentos dentro das sociedades, um elo entre o mundo terreno e o divino, estando ela relacionada a aspectos essenciais: desde a religiosidade até o nome do indivíduo e sua interação com o mundo, “A palavra tem espírito”.

Dessa forma, a língua – materna ou a língua portuguesa, aprendida hoje como segunda língua em muitas aldeias – tem a capacidade de ligar os povos indígenas a outras sociedades, assim como tem o poder de ligá-los a seus próprios ancestrais. A fala encontra-se na posição de criadora de realidade e potência de memória, tanto por intermédio da oralidade quanto da escrita, fazendo-os lembrar de onde vieram e o que pretendem recuperar.

Para Flusser (2007), a realidade é um aspecto linguístico, que se dá por meio de um processo no qual os dados brutos que percebemos através dos sentidos tornam-se reais na medida em que se realizam enquanto língua, única capaz de criar realidade. A arte, nesse sentido, avança os limites linguísticos e estilísticos, e representa um esforço do intelecto para superar a própria língua, para criar uma nova língua em busca de uma nova realidade: “A poesia é o lugar onde a língua suga potencialidade para produzir realidade” (p. 176). Assim, como bem ressalta esse filósofo, a palavra poesia será aqui usada tanto no sentido do grego *poietés*, “aquele que produz algo” como significando *poiein*, “fazer”, ou seja, “estabelecer algo” (p. 173).

O filósofo divide a língua em camadas: balbuciar, salada de palavras, conversa fiada, conversação, poesia e oração, sendo estas duas últimas aquelas que mais interessam a este trabalho. Flusser entende que a poesia é tudo aquilo que traz originalidade, que apresenta novas regras: “a atividade poética é dupla: impõe novas regras e novas palavras (conceitos).

Seus pensamentos (frases) são novos porque contêm elementos novos (conceitos novos) ou regras novas (gramática nova) ” (FLUSSER, 2007, p. 178). Para Flusser, poesia seria “o esforço do intelecto em conversação de criar língua” (FLUSSER, 2007, p. 173). Em outras palavras, a poesia seria o intelecto procurando expandir o território da realidade, seria uma nova forma de língua, ampliando da atividade criadora.

Oração, por sua vez, camada da língua que no gráfico de Flusser está acima da poesia, seria uma conversa com o indizível, um apelo consciente a ele (FLUSSER, 2007, p. 194). A arte de orar, para ele, parte da camada da poesia, porém, ao não retornar ao nível da conversação (direção inversa à camada da oração), explica o intelecto para fora da língua. De acordo com essa visão, seria então possível, segundo nossa hipótese, associar tais conceitos à palavra sagrada guarani. “As belas palavras”, carregadas de uma linguagem poética, se colocam enquanto produtoras de novos conceitos, e por extensão, de nova realidade, projetando-se para fora da língua.

Pelo caminho desse pensamento, notamos que a obra de Kaka se apresenta enquanto poesia, uma vez que o autor traz novos conceitos para a língua portuguesa, inovando-a a partir da cosmovisão indígena, ao mesmo tempo em que oferece a nossa cultura uma nova perspectiva sobre o mundo e suas dinâmicas.

O próprio conceito de realidade apresentado pelo autor já se torna um fazer poético. Nas sociedades ameríndias, os limites entre ficção e realidade são tênues dadas suas cosmovisões. Kaka Werá (1998) afirma, por exemplo, que o mito é um conceito de nossa sociedade, termo normalmente utilizado por antropólogos para descrever narrativas vistas como mágicas, que na verdade, para eles, são realidade. Embora ocorra uma dinâmica semelhante em nossa cultura quanto a aspectos que envolvem o sagrado, como no caso da crença na existência de Adão e Eva, percebemos que tais pensamentos se limitam a aspectos

religiosos, enquanto na sociedade guarani é algo que se expande em todos os aspectos da vida. Os sonhos, por exemplo, se apresentam como parte da realidade, bem como os acontecimentos miraculosos e inacreditáveis, assim considerados pela razão ocidental.

Kaka utiliza a língua do “outro”, devorando o cérebro da cidade para falar ao mundo sobre sua cultura, mostrar em tom de urgência a nudez de seu povo e a claridade de seu coração para descobrirmos os brasis, os brasileiros (JECUPÉ, 2002, p. 16-17). O autor respeita essa estrutura da língua portuguesa, mas se aproxima do fazer poético: ele amplia nossa língua e, com isso, nossa perspectiva através da língua portuguesa, nos mostrando como utilizamos nossa língua de forma incompleta.

Nesse ponto chegamos à questão da oração. Esses novos conceitos e regras trazidos para o campo linguístico, que englobam uma visão ampla daquilo que é realidade e daquilo que vivemos nesse mundo, faz parte de um sistema que obedece ao sagrado, dialogando com o indizível. Afinal, os teólogos da floresta vivenciam o sagrado no cotidiano, em cada ação da vida. O que torna a obra de Kaka uma oração é justamente essa precipitação para fora da língua, em direção ao silêncio, é a cosmovisão sagrada, aquilo que somente pelo coração se pode compreender, mas dificilmente explicar. É por isso que se recorre ao mito (na visão do não-índio). Como salienta Flusser, enquanto a conversação é lógica, a oração é mítica, uma vez que “enquanto a conversação explica a língua em redor do intelecto, a oração explica o intelecto para fora da língua” (2007, p. 191).

Por esse viés, podemos entender as obras de Kaka como poesias em oração para a cura do ser humano e do planeta, sendo uma grande conversa com o indizível, com aquilo que parece fantasia aos olhos da razão. Dessa forma, as belas palavras seriam, na verdade, uma grande conversa com o indizível através do que nossa sociedade entende como mito. Como exemplo para as nossas reflexões sobre a palavra e a criação de realidades, utilizamos

a obra *Tupã Tenondé* (2001), que traz a narrativa sagrada guarani em forma de versos escritos em guarani e em português.

POESIA E ORAÇÃO EM *TUPÃ TENONDÉ*

O livro trata da criação do universo, dos seres e da natureza. Com base nos registros do pesquisador Léon Cadogan, que recebeu a incumbência de registrar as palavras mais formosas guarani (JECUPÉ, 2001, p. 20), Kaka Werá traz a mitologia indígena sob um novo formato. Além de apresentar o texto original na língua guarani e sua tradução para o português, o escritor também apresenta comentários acerca das palavras dos grandes sábios, como forma de situar o leitor e “acordar seu coração” para compreender os ensinamentos sagrados.

Vemos um trabalho semelhante na obra de Pierre Clastres, em que o antropólogo expõe os mitos e sua tradução com alguns comentários. No entanto, Kaka traz esse universo na posição de autor indígena, ou seja, uma nova voz no que se refere a essa cultura em nosso contexto. Isso, evidentemente, afeta a forma como os comentários são tecidos, visto que são escritos a partir da própria cosmovisão do autor, que difere do pensamento ocidental.

O livro é dividido em quatro capítulos e cada um aborda uma parte da criação do mundo, desde o início dos tempos até os seres começando a encarnar neste mundo: (1) Os primeiros costumes do Colibri; (2) – Os fundamentos do Ser; (3) A primeira terra; e (4) Está-se a dar assento a um ser para alegria dos bem-amados.

O Grande Pai Primeiro se sustenta no vazio, existindo pelo reflexo de seu próprio coração, é assim que somos iniciados na grande criação do universo. Tupã Tenondé (O

Grande Som Primeiro) é apresentado enquanto colibri, aquele que vê a totalidade a partir dos mundos sutis do espírito. Cada ser humano tem uma alma-colibri. No início do livro, a ideia de que cada um de nós possui seu ritmo, o seu som, já é exposta.

Quando chegamos ao segundo capítulo, são apresentados os fundamentos do ser, em que o amor aparece como primeiro fundamento. A partir do amor são criados aqueles que seriam companheiros, co-criadores de sua eternidade: “Os fundamentos do ser desabrocharam-se, havendo sido criado de uma pequena porção de amor” (JECUPÉ, 2001, p. 44). Inspirados da porção amorosa tornam-se ritmos, essências e “palavras do hino universo”. Como afirma o autor, no pensamento guarani, alma e palavra são um:

O ser humano é percebido como “alma-palavra” – é o que se expressa mediante a linguagem e por meio do pensamento. Ser e som têm o mesmo sentido. Para essa percepção é necessário ampliar o nosso conceito de som para além da vibração sonora, percebê-lo como corpo-vida, princípio dinâmico da luz cuja forma denominamos “consciência” (JECUPÉ, 2001, p. 56)

O terceiro capítulo aborda a Mãe Terra, que surge na base do cetro do Criador, que também cria a coluna do ser humano. Este, segundo Kaka, é

uma tonalidade da Grande Música Divina colocada em pé, encarnada, dentro de um assento chamado corpo-carne, para entoar a criação no mundo terreno, para ser na Terra o que sua essência sagrada é no céu – escultor, tecelão, cantor e transformador da vida (JECUPE, 2001, p. 79)

Por fim, o quarto capítulo trata dos seres encarnados na Terra, ou seja, do momento em que “se dá assento a uma palavra-alma”. De acordo com a visão guarani, embora não possamos conhecer o Criador na morada terrena, podemos refletir a sua divindade. As palavras formosas servem como ligação ao divino, ou seja, a palavra do mundo terreno serve como ligação à “palavra-alma”, à essência do criador, elas servem para nos lembrar do divino enquanto estivermos encarnados.

Diante do exposto, a partir do pensamento de Flusser, notamos que *Tupã Tenondé* se aproxima da poesia ao trazer novos conceitos para nossa sociedade através da literatura,

pois os significados expostos possuem sentidos diferentes aos nossos olhos. Isso ocorre por meio da linguagem poética, camada que se esforça por ultrapassar a língua, criando novas ideias e regras. Enquanto para nossa cultura existem fronteiras entre linguagem cotidiana e a linguagem figurada, o mesmo não parece ocorrer na sociedade guarani, por exemplo.

Fica claro que o autor atribui às palavras um sentido diverso do atribuído pelo pensamento ocidental. A palavra é vista além da língua, sendo a própria alma do homem. O conceito de som também é ampliado ao leitor. Na obra, som significa consciência, está além da vibração sonora. Dessa forma, notamos que, para a cultura indígena, a palavra ordinária e a extraordinária da poesia não se separam. Por outro lado, a palavra poética, ao não ser “digerida” e racionalizada pela camada da conversação, transforma-se em oração, precipita-se no indizível, consumando assim a união entre o sagrado e o profano.

A leitura da obra também permite ampliar olhares em relação a outros conceitos de nossa sociedade, como o conceito de realidade e de Deus. Como visto anteriormente, a realidade não se limita a aspectos passíveis de serem explicados pela razão. Dessa forma, conceitos como sonho ou mito não existem tal como entendidos pela cultura ocidental, na medida em que ambos são tidos como realidade, em que não existe uma hierarquia de valor entre eles quanto à sua ação sobre o que entendemos como mundo real.

No que concerne ao conceito de Deus, este seria a essência do amor manifestada pelo masculino e feminino, presente em todo ser humano. Na Terra, essas essências estão encarnadas nas palavras-almas, ou seja, nos seres humanos, que possuem como valor a fala, a palavra. Assim, o ser humano é construído a partir do amor e seria Deus no mundo terreno: ele encarna para também ser tecelão, escultor, transformador de vida. As belas palavras servem como meio para recordarem do Grande Pai e de que são seu

desdobramento na Terra. Em outros termos, a palavra-escrita contribui para que palavra-alma, encarnada neste plano, se conecte com o Criador.

A camada da oração, a conversa com o indizível, é perceptível tanto nos versos em que contam a origem do universo, dos seres e dos homens, como nos trechos em que o autor tece comentários ao leitor sobre o “mito”. As palavras estão além da língua, pois navegam em direção ao sagrado, para não o esquecer. Embora exista um esforço de Kaka para explicar a essência sagrada dos “mitos”, sua linguagem não consegue alcançá-la, pois ela está além da língua portuguesa. Os fragmentos a seguir, que tratam do amor, nos permite compreender os escritos enquanto oração. O primeiro trata dos fundamentos do ser no “mito” guarani, enquanto o segundo são os comentários tecidos pelo autor em relação ao envio dos seres ao plano terreno:

Ayvu rapyta rã i oikuaá ma vy ojeupe,
O yvára py mba'ekuaá gui,
O kuaa-ra-ra vy ma
Mborayú rapyta rã oikuaá ojeupe.
Yvy oiko ey re,
Pytu yma mbyte re,
Mba'e jekuaá ey re,
O kuaa-ra-ra vy ma
Mborayú rapyta rã i oikuaá ojeupe.

Os fundamentos do ser foram concebidos
Na origem da futura linguagem humana,
Tecida da sabedoria contida em sua própria divindade
E em virtude de sua sabedoria criadora
Concebeu como primeiro fundamento o Amor.
Antes de existir a terra,
Em meio à Noite Primeira
E antes de ter-se conhecimento das coisas,
O amor era (JECUPÉ, 2001, p. 43).

O grande movimento da vida é qualificado como Amor incondicional e Sabedoria. É com base na qualidade do amor e na sabedoria que o universo torna-se supraconsciente, consciente e subconsciente de si mesmo. Equilibra os mundos, sustenta as dimensões, gera o Cosmos. O Grande Espírito torna-se Música Celeste, ritmo e movimento. Desdobra-se em Espíritos Co-Criadores, chamados também de Seres-Trovões. Sonha e manifesta a morada terrena. Os Seres-Trovões estabelecem moradas espirituais nas quatro

direções e agora recebem a responsabilidade de gerarem palavras-almas, tonalidades de suas essências, para encarnarem na Terra (JECUPE, 2001, p. 89)

Podemos concluir que o campo literário do escritor evidencia a forma de viver a realidade religiosa e perpetuar tradições através da sensibilização das pessoas, “acordando seus corações”, como diria Kaka Werá. A vivência da religiosidade em seu cotidiano, a apresentação de novos conceitos para a literatura brasileira e a utilização da língua do colonizador para falar sobre esses assuntos possibilitam que vejamos fundidas as categorias flusserianas de poesia e oração. Por outro lado, é evidente o uso de uma linguagem mítica quando o autor explica o sagrado guarani enquanto dialoga com o indizível, confirmando a observação de Flusser (2007, p. 192) que aponta para a impossibilidade de nossa língua conversar com o sagrado sem recair no mito. Ao mesmo tempo em que fala do indizível através de um fazer poético, é também um apelo a ele, uma forma de manter vivos os ensinamentos sagrados no dia a dia, o ser divino no coração das pessoas.

REFERÊNCIAS

CLASTRES, H. **Terra sem mal**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.

CLASTRES, P. **A fala sagrada**: mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas, SP: Papirus, 1990.

FLUSSER, V.. **Língua e realidade**. 3 ed. São Paulo: Anablume, 2007.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

_____. **Oré awé roiru’a ma** - Todas as vezes que dissemos adeus – Whenever we said goodbye. 2 ed. São Paulo: TRIOM, 2002.

_____. **Tupã Tenondé**: a criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001..

Recebido em 04 de abril de 2016

Aceite em 15 de junho de 2016

Como citar este artigo:

LIMA, Tarsila de Andrade Ribeiro. Poesia e oração na obra de Kaka Werá Jecupé. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p. 189-202. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie12.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.